

MEDIDAS DOS EUA NÃO CONSEGUEM “CONTER” A CHINA, MAS “NOS APROXIMARAM DA GUERRA”

Por Josephine Ma*



O economista americano Jeffrey Sachs (Bloomberg).

Entrevista com o economista americano Jeffrey Sachs, que fala sobre a reação do deep state dos EUA ao sucesso da China e porque não estamos vendo o fim da globalização.

Jeffrey Sachs é professor de economia e diretor do Centro para o Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Columbia. Esta entrevista foi concedida à Josephine Ma, editora de notícias sobre a China ao *South China Morning Post*.

Josephine Ma: *Você fez parte de uma delegação empresarial e acadêmica de alto nível dos EUA à China em março. O que você achou da viagem e do encontro com o presidente chinês Xi Jinping? O que foi alcançado e o que ainda precisa ser feito?*

Jeffrey Sachs: O Fórum de Desenvolvimento da China foi uma excelente oportunidade, como sempre, para uma atualização sobre a economia e as perspectivas da política externa da China. Os líderes chineses têm uma visão muito realista da situação interna e também global, especificamente no que diz respeito às tensões com os EUA.

Na minha opinião, as tensões EUA-China são esmagadoramente causadas pela ansiedade americana de que o poder dos EUA esteja diminuindo em todo o mundo. Os decisores políticos dos EUA estão reagindo de forma defensiva e com medo, e muitas vezes de forma muito imprudente.

Josephine Ma: *Eu me pergunto se você poderia elaborar mais sobre as políticas imprudentes para a China feitas pelos EUA? Você pode nos dar alguns exemplos e por que eles foram imprudentes?*

Jeffrey Sachs: Os EUA lançaram uma política por volta de 2015 para “conter” a China, incluindo vários componentes. Estas políticas – enunciadas em um artigo de 2015 para o Conselho de Relações Exteriores por Robert Blackwill e Ashley Tellis – incluíram a tentativa de criar acordos comerciais, como a Parceria Trans-Pacífico (TPP) destinada a excluir a China, o aumento das proibições de exportação de produtos de alta tecnologia, como semicondutores avançados, o aumento das barreiras comerciais às exportações da China para os EUA (e Europa), aumento da militarização do Mar da China Meridional, novos alinhamentos militares como AUKUS e oposição às iniciativas chinesas como a Iniciativa Cinturão e Rota.

Acredito que cada uma dessas abordagens é um fracasso. Não “contêm” a China, mas aumentam as tensões, diminuem o bem-estar econômico e a eficiência econômica global, dividem a economia mundial e aproximam-nos da guerra.

Josephine Ma: *Qual é a sua avaliação sobre o desenvolvimento econômico da China nos próximos cinco anos? A China lançou recentemente uma campanha para modernizar suas indústrias, a fim de estimular sua economia – acha que funcionará?*

Jeffrey Sachs: A China já está na vanguarda de muitas das principais tecnologias globais necessárias para os próximos 25 anos: energia fotovoltaica, energia eólica, energia nuclear modular, transmissão de energia de longa distância, 5G (agora 5,5G), baterias, veículos elétricos e outras áreas. Isso manterá a economia chinesa avançando.

A Iniciativa Cinturão e Rota e as políticas relacionadas desempenharão um papel mais importante à medida em que o mundo investe nos novos sistemas energéticos e digitais. As relações comerciais e financeiras da China vão se voltar cada vez mais para os países emergentes e em desenvolvimento. É notável que os BRICS já tenham um PIB significativamente maior do que o G7. É claro que o melhor resultado econômico seria um mundo globalmente conectado e integrado.

Josephine Ma: *Ao longo da linha de modernização industrial da China, pensa que haverá excesso de capacidade no setor dos VE (veículos elétricos)? Será que o setor dos VE se tornará um importante ponto de discórdia entre China, EUA e UE?*

Jeffrey Sachs: Não há excesso de capacidade em VE, mas há necessidade de construir mercados de VE nos países emergentes e em desenvolvimento. Infelizmente, é provável que os EUA e a Europa se tornem mais protecionistas e fechem significativamente os seus mercados aos VE da China, mas os produtores de VE dos EUA e da Europa não serão capazes de competir com os VE da China em terceiros mercados nas economias emergentes e em desenvolvimento.

Josephine Ma: *Em um boletim recente seu, disse que a primazia dos EUA já não é possível, dado que a quota dos EUA na produção mundial é menor do que a da China: 14,8% para os EUA e 18,5% para a China. Por que a primazia da China não é*

possível? Além disso, poderão os BRICS desafiar o G7 a tornar-se o bloco econômico mais poderoso, dado que a sua produção é de 35,2% – superior aos 29,3% do G7?

Jeffrey Sachs: Muito provavelmente, nenhum país será hegemônico no século XXI porque as capacidades tecnológicas e militares estarão demasiado dispersas e as tendências demográficas pesarão contra uma única hegemonia. Os EUA, a UE, a China, a Índia, a Ásia Ocidental, a União Africana e a América do Sul (lideradas principalmente pelo Brasil), terão cada um o seu lugar e papel em nível regional, sem uma hegemonia global. A China, em particular, continuará a aumentar os níveis de rendimento por pessoa. Mas com um declínio absoluto da população, a participação da China na produção mundial muito provavelmente não aumentará além dos 20% (medido em PPC).

É provável que a população da China diminua de cerca de 18% da população mundial atual para talvez 10% da população mundial em 2100. Nada há de mal ou de errado nisso, na perspectiva da China, em termos de bem-estar e segurança. No entanto, significará que a participação da China na produção mundial será limitada pelas tendências demográficas.

Acrescentemos que não há histórico de a China sequer ter tentado se tornar uma hegemonia global. A longa história de política da China não se baseou na obtenção de impérios ultramarinos. Considero notável, por exemplo, que a China nunca tenha tentado invadir o Japão durante mais de 2.000 anos de política, exceto durante o curto período em que os mongóis governaram a China, e os mongóis tentaram, sem sucesso, invadir o Japão duas vezes – em 1274 e 1281.

Josephine Ma: *Na frente diplomática, como o resultado das eleições nos EUA irá afetar as relações EUA-China? Alguns analistas dizem que se Biden vencer, as relações bilaterais serão mais previsíveis, enquanto Trump tende a ser mais imprevisível e poderá lançar uma guerra comercial com a China. Qual é a sua opinião?*

Jeffrey Sachs: As relações serão difíceis, independentemente de quem for eleito presidente em novembro. O *deep state* dos EUA tem sido até agora incapaz de aceitar a realidade do sucesso da China. O *deep state* dos EUA ainda funciona de acordo com as ilusões da “primazia” dos EUA que já não existe (e a primazia dos EUA foi limitada há 30 anos). Esta é uma ilusão perigosa, pois pode levar a uma guerra entre os EUA e a China na Ásia, tal como levou a uma guerra por procuração entre os EUA e a Rússia na Ucrânia.

Josephine Ma: *Você pode explicar aos nossos leitores o que é o “deep state” nos EUA e qual você acha que é a agenda deles? Algumas pessoas rejeitaram a noção de deep state como uma teoria da conspiração – qual é o seu comentário sobre isso?*

O *deep state* é o conjunto de instituições de segurança dos EUA, incluindo a Casa Branca (e o Conselho de Segurança Nacional do presidente), o Pentágono, as agências de inteligência (centradas na CIA), o Comitê de Serviços Armados e o Comitê de Relações Exteriores do Congresso, e os grandes empreiteiros de armas (especificamente Lockheed Martin, RTX, Boeing, General Dynamics e Northrop Grumman). São os impulsionadores das guerras, das operações de mudança de

regime e da política externa da América em geral. Este é um grande negócio, que envolve mais de um bilhão de dólares por ano em despesas diretas, pelo que também há um forte *lobby* envolvido.

Isto não é qualquer tipo de teoria da conspiração, apenas um fato sobre a organização do Estado dos EUA. Há pouco papel da opinião pública envolvido na política de segurança dos EUA (incluindo guerras e operações de mudança de regime). Grande parte disso é realmente secreto, e é por isso que denúncias e vazamentos são considerados uma ofensa tão grave nos EUA. O *deep state* esteve envolvido em talvez 90 operações secretas e abertas de mudança de regime desde 1947 (data em que a CIA foi criada) e em guerras generalizadas. O *deep state* gere uma rede de mais de 750 bases militares ultramarinas em cerca de 80 países, e essas bases de operação são fundamentais para guerras lideradas pelos EUA e operações de mudança de regime.

Josephine Ma: *Pequim e os países ocidentais têm-se acusado mutuamente de conduzir operações secretas para desestabilizar o outro lado. Quanto disso você acha que são teorias da conspiração e quanto é real?*

Jeffrey Sachs: A política externa dos EUA se baseia em alianças militares, pressões econômicas e operações secretas de desestabilização. Tudo isto está bem documentado e se aplica à China, à Rússia e a outras regiões do mundo. As ações dos EUA na Ásia Oriental (bases militares, alianças militares, medidas comerciais, operações secretas) são de fato concebidas para conter ou enfraquecer a China. As ações dos EUA em relação a Taiwan, especialmente a continuação do armamento de Taiwan, contrariamente à letra e ao espírito do Comunicado EUA-RPC de 17 de agosto de 1982, são as mais perigosas e desestabilizadoras das ações dos EUA.

Vale a pena recordar a linguagem chave desse comunicado: “O governo dos Estados Unidos afirma que não pretende levar a cabo uma política de longo prazo de vendas de armas a Taiwan, que suas vendas de armas a Taiwan não excederão, nem em qualidade nem em termos quantitativos, o nível das fornecidas nos últimos anos desde o estabelecimento de relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a China, e que pretende reduzir gradualmente a sua venda de armas a Taiwan, conduzindo, ao longo do tempo, a uma resolução final.”

Isso foi há 42 anos.

Josephine Ma: *Você pode explicar por que a contenção da China pode levar à guerra? Quer dizer que pode haver erros de cálculo no Estreito de Taiwan e no Mar da China Meridional que podem desencadear conflitos militares? Além disso, em seus comentários recentes, o senhor alertou sobre os riscos de uma guerra nuclear. Que papel pode a China desempenhar para reduzir esses riscos?*

Jeffrey Sachs: Nos meios de comunicação dos EUA, há recentemente uma enxurrada de rumores sobre a guerra com a China. Isto é terrivelmente irresponsável, ignorante e perigoso. Uma guerra deste tipo seria devastadora e deve ser evitada a todo custo. Mesmo a discussão casual de tal possibilidade revela falta de prudência e julgamento. Os EUA deveriam parar de se intrometer na questão de Taiwan.

Sem a interferência dos EUA, a questão será tratada pacificamente por ambos os lados. Com a intromissão dos EUA, o perigo de conflito é muito maior. Este é o tipo de erro de cálculo que levou à desastrosa guerra na Ucrânia. Os EUA queriam empurrar a OTAN para a Ucrânia e pensaram que poderiam escapar impunes, apesar da firme linha vermelha da Rússia contra ela. Os EUA cometeram um completo erro de julgamento e a guerra começou. Então os EUA pensaram que a Ucrânia poderia derrotar a Rússia com base nas armas da OTAN e nas sanções ocidentais. Isto também foi um profundo erro de julgamento. As consequências para a Ucrânia foram devastadoras. O que quero dizer é que a política de segurança de Estado dos EUA não é muito sólida ou forte. Basta olhar para o legado das guerras escolhidas lideradas pelos EUA no Vietnã, Camboja, República Popular Democrática do Laos, Afeganistão, Iraque, Síria, Líbia e Ucrânia, entre outros lugares.

Josephine Ma: *Você tem sido muito franco ao criticar as atuais políticas dos EUA no tratamento da China, da Rússia e de outras questões globais. Você acha que ainda há um debate de qualidade sobre as relações entre a China e os EUA? Alguns analistas dizem que podem ser atacados se fizerem comentários considerados positivos sobre a China ou não alinhados com a narrativa dominante. Quão ruim está a situação? Está melhorando ou piorando?*

Jeffrey Sachs: O nível de tolice no discurso dos EUA é muito elevado. Isto é verdade nos meios de comunicação, mas também nos *think tanks* patrocinados pelo complexo militar-industrial. A conversa sobre guerra tornou-se normalizada.

Tanto Trump como Biden competem para mostrar quão duros são frente à China, e grande parte ou a maior parte do Congresso dos EUA é ainda mais absurdo, porque poucos membros do Congresso sabem alguma coisa sobre a China, sua história e suas políticas. Estes agressores da China recorrem a uma retórica anti-China vulgar e perigosa.

Josephine Ma: *Há 20 anos, muitos acreditavam que o Consenso de Washington era a resposta para eliminar a pobreza e ajudar o mundo em desenvolvimento. Agora, muitos perderam a fé nisso e alguns até se voltaram para o modelo chinês. Você acha que existe uma terceira via? Que lições podemos tirar dos últimos 20 anos?*

Jeffrey Sachs: Houve e há muita ingenuidade conveniente no discurso econômico dos EUA. Ao promover o Consenso de Washington, o governo dos EUA quis abrir os mercados de outros países, a fim de controlar os recursos naturais, estabelecer instituições financeiras e, em geral, abrir caminho para investimentos estrangeiros dos EUA.

Os promotores do Consenso de Washington não prestaram muita ou nenhuma atenção a questões como educação, saúde, proteção social, infraestruturas, tecnologia, pesquisa e desenvolvimento, gestão ambiental e inúmeras áreas políticas onde o setor público tem papel importante, se não um papel dominante.

Era óbvio para muitos de nós há 30 anos que o Consenso de Washington estava cheio de retórica vazia e não de realidade. Isto era óbvio, uma vez que a maioria das economias de rendimento elevado geralmente tinha despesas

governamentais de 40% ou mais do PIB, o que era completamente inconsistente com o discurso de “mercados livres” que emanava de Washington.

Josephine Ma: *Algumas pessoas dizem que estamos agora assistindo ao fim da globalização e ao início da fragmentação da economia mundial. Qual é o seu comentário sobre isso? Estaremos entrando em uma nova guerra fria e, em caso afirmativo, em que difere esta da anterior?*

Jeffrey Sachs: Não estamos assistindo ao fim da globalização. A globalização tem sido parte integrante da história humana e continuará a sê-lo, especialmente na medida em que as novas tecnologias digitais tornam as ligações globais ainda mais imediatas. No geral, as ligações globais no comércio, finanças, tecnologia, cultura, viagens, migração, ciência e tecnologia vieram todas para ficar. O mesmo acontece com as ligações globais relacionadas com desafios globais comuns, como as alterações climáticas induzidas pelo homem.

No entanto, assistimos também a um aumento do protecionismo nos EUA e na Europa, à medida em que reagem defensivamente à ascensão da China, da Rússia, da Índia e de outras economias emergentes. Estamos definitivamente assistindo também a um aumento das tensões geopolíticas, principalmente porque os EUA confrontam novamente a dura realidade de que não estão no comando do mundo. Infelizmente, Biden ainda acredita que os EUA lideram um mundo unipolar, e esta ilusão é a fonte de conflitos crescentes.

Josephine Ma: *O senhor comentou extensivamente sobre a crise na Ucrânia e em Gaza – existe algum papel que a China possa desempenhar para aliviar a tensão nestes casos? Qual é o tamanho do risco de uma grande escalada da tensão?*

Jeffrey Sachs: Ambas as guerras poderão terminar amanhã através da diplomacia. A guerra na Ucrânia foi causada pela pressão dos EUA desde a década de 1990 para alargar a OTAN à Ucrânia e à Geórgia com o objetivo de cercar a Rússia no Mar Negro, uma ideia que remonta a Lorde Palmerston na década de 1850 e que foi reavivada por Brzezinski na década de 1990.

Esta ideia ultrapassou a linha vermelha da Rússia, o que é bastante compreensível, uma vez que a Rússia rejeita uma aliança militar dos EUA na sua fronteira de 2.100 km com a Ucrânia, tal como os EUA rejeitariam absolutamente uma aliança militar da Rússia ou da China com o México ao longo da fronteira dos EUA. Tudo isso é óbvio, mesmo que seja negado diariamente pelo governo dos EUA.

Ao reconhecerem finalmente a futilidade e o perigo de tentar empurrar a OTAN para a Ucrânia e a Geórgia, os EUA poderiam eliminar a causa subjacente da guerra na Ucrânia.

A guerra em Gaza também poderia terminar amanhã se a ONU reconhecesse a Palestina como o 194º Estado-membro da ONU, nos moldes da fronteira de 1967. Os EUA são o único obstáculo prático a esta solução. O governo de direita de Israel rejeita totalmente um Estado Palestino e conta com o apoio dos EUA para Israel. No entanto, todo o resto do mundo vê que o caminho para a paz passa pela solução de dois Estados.

Pode-se dizer que os perigos crescentes sobre Taiwan são semelhantes. Os EUA estão armando unilateralmente Taiwan, apesar das vigorosas objeções da RPC. As ações dos EUA estão, de fato, colocando Taiwan em grande perigo, tal como os EUA colocaram a Ucrânia em grande perigo. Os EUA deveriam agir com moderação e circunspeção e apoiar a paz não armando Taiwan, mas apelando a abordagens pacíficas através do estreito. A diplomacia, e não a guerra, é a única abordagem viável.

O principal papel da China deveria ser promover soluções diplomáticas na Ucrânia e em Gaza através das Nações Unidas e com base na Carta das Nações Unidas. Deveria haver uma conferência global da ONU sobre a paz na Ucrânia, baseada na neutralidade da Ucrânia; o fim da tentativa dos EUA de expandir a OTAN para a Ucrânia; e o fim dos combates. Infelizmente, a “conferência de paz” [de junho] na Suíça (que não foi uma conferência da ONU) não se baseou em passos tão óbvios.

Deveria também realizar-se uma conferência global da ONU para implementar a solução de dois Estados em Israel e na Palestina. A China e o Brasil teriam discutido em conjunto a promoção de tal conferência de paz, e agora as nações da Liga Árabe apelam a uma conferência deste tipo apoiada pela ONU.

A atual trajetória, infelizmente, é de escalada da guerra, principalmente porque o governo dos EUA se esqueceu da diplomacia com as outras grandes potências. Isto é muito perigoso. É tempo de regressar urgentemente à diplomacia.

Publicado no [SCMP](#).

**Josephine Ma é editora de notícias da China para o SCMP há mais de 20 anos. Como correspondente em Pequim, ela relatou desde o surto de Sars em 2003 até os tumultos em Lhasa e as Olimpíadas de Pequim em 2008. Tem mestrado em Estudos de Desenvolvimento pela London School of Economics e bacharelado em língua inglesa pela Universidade Chinesa de Hong Kong.*
